

Em co-edição com a Livraria Editora Acadêmica Ltda.

- ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o existencialismo**. 1988, 128p. A obra expõe criticamente o pensamento de Gabriel Marcel no contexto das filosofias contemporâneas da existência.
- CLOTET, Joaquim e outros. **A justiça**. 1988, 104p. A obra tem ensaios dos professores U. Zilles, Reinholdo A. Ullmann, Francisco de Araújo Santos, Sírio Lopes Velasco, Edvino A. Rabuske e Joaquim Clotet.
- BIZ, Osvaldo. **Informática e soberania**. 1988, 172p. O livro historia os caminhos que levaram o Brasil a adotar a reserva de mercado para a informática até 1992.
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Epicuro: o filósofo da alegria**. 1988, 110p. O livro resgata a pessoa de Epicuro e seu pensamento filosófico.
- JOVCHELOVITCH, Marlova. **Encontros dialógicos: uma vivência em serviço social**. 1989, 60p. Constitui um instrumento metodológico valioso para o serviço social, fundamentando a relação de ajuda no diálogo e na fenomenologia.
- ZILLES, Urbano. **O problema do conhecimento de Deus**. 1989, 68p. Apresenta a abordagem dos diversos caminhos seguidos na filosofia ocidental para chegar ao conhecimento de Deus.
- GRINGS, Dadeus. **A descoberta científica de Deus**. 1989, 296p. Numa lógica cerrada do pensamento, o autor movimenta-se desimpedidamente na Biologia, Física, Geologia, Filosofia e Teologia indagando pela transcendência.
- BRASIL, Luís Antonio de Assis (Organizador). **Contos de oficina 3**. 1989, 136p. É o terceiro volume de contos produzidos pelos alunos da Oficina de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.
- CERQUEIRA, Siomara Vilanova. **Administrando a mudança rumo à criatividade**. 1989, 60p. Propõe fornecer alternativas para uma mudança no sentido de ajudar o professor a administrar melhor sua criatividade e a de seus alunos.
- CLEMENTE, Ir. Elvo. **Leitura & crítica literária**. 1990, 185p. Coletânea de ensaios do A. abordando a teoria e a prática da crítica literária.

*Pedidos diretamente à:*

LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA LTDA.

Av. Ipiranga, 6681 - C.P. 1429

90001 Porto Alegre - RS - Fone: (0512) 36-5337

## LITERATURA E AVALIAÇÃO

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

Universidade de Passo Fundo

A obviedade de que o ensino de Literatura se concretiza na escola, a partir da efetiva realização do ato de ler, é uma constante nas reflexões sobre o tema.

É imprescindível, a partir dessa asserção, que se identifiquem não só os pré-requisitos necessários à concretização do objetivo de resgatar o valor da leitura entre professores e alunos, mas também que se ressalte o compromisso do professor com a seleção de textos literários significativos à clientela a partir de levantamentos de interesses e de necessidades.

O movimento nacional que vem sendo empreendido na luta pela formação de leitores tem atingido níveis muito diversos.

Em se tratando de séries iniciais do 1º Grau, a leitura de textos literários, por exemplo, num primeiro estágio, tem assumido o caráter de animação. Fundamentalmente, deseja-se estimular a participação das crianças, oportunizando-lhes uma aventura com os livros, um envolvimento com textos que lhes propiciem o prazer.

Para que se concretize tal objetivo, é necessária a existência de uma grande variedade de livros. Pode-se garantir, portanto, qualidade de leitura quando o leitor tem acesso à quantidade de livros cuja ideologia seja emancipadora.

Ao se avaliar a primeira fase do desenvolvimento do ato de ler, percebe-se que o processo é desencadeado, verificando-se a quantidade de livros lidos pela criança, pertencentes ao acervo da sala de aula, da sala de leitura ou mesmo da biblioteca da escola quando existir.

Cabe ao professor-animador observar a continuidade do interesse pelo contato com um número crescente de livros bem como pelos comentários das crianças sobre personagens, sobre determinadas ações. Acrescentam-se a esses a explicitação de preferências ou de rejeição a determinadas características das personagens, as relações efetuadas com situações reais ou fictícias vivenciadas pela criança. Considera-se de importância maior o fato de as mesmas crianças manifestarem constantemente o desejo de lerem outros livros ou mesmo de indicarem as preferências de suas leituras: textos tradicionais, textos emancipadores.

Num segundo estágio, o problema surge no momento em que o professor-animador precisa avaliar o nível de compreensão da leitura e as nuances da interpretação do texto literário a partir das referências de cada criança, sem envolver tal atividade por uma atmosfera de "mofo pedagógico".

É nessa etapa que o professor ficará atento: ao vocabulário utilizado pelas crianças, verificando o emprego de expressões novas, contidas nos livros; à manifestação de preferência da leitura de onde ocorrerá a repetição de determinados autores, ou mesmo de determinados temas; à variedade de estilos com as quais as crianças estão se envolvendo; à influência das leituras na produção de textos orais e, especialmente, escritos, observando-se a intertextualidade manifesta claramente em sua produção textual. É nessa fase que a criança passa a utilizar códigos os mais variados (desenho, linguagem das histórias em quadrinhos, caricaturas...) bem como demonstra no jogo com as palavras as influências dos textos lidos.

Verifica-se que o professor deve estar consciente da importância do desenvolvimento de atividades de leituras variadas no intuito de ampliar não só as suas formas de percepção da realidade recriada como a de seus alunos, mas também de proporcionar-lhes o aprimoramento de sua criticidade o qual os posiciona como sujeitos no processo de recepção textual.

Tal complexidade pressiona o professor das séries iniciais a se comprometer com a leitura em níveis mais profundos. O que é necessário que esse profissional conheça para que possa descrever o envolvimento de seus alunos com textos literários de variadas espécies?

Entende-se que se torna imperioso propiciar não apenas lei-

turas de textos cada vez mais complexos, mas estimular a realização de comentários cada vez mais abrangentes, interdisciplinares, a partir de perspectivas de análise de situações individuais e sociais de interesse dos alunos.

Com base nessa necessidade, questiona-se: está o professor das séries iniciais preparado para avaliar, de forma descritiva e convincente, esse complexo desencadeado pela leitura de textos literários emancipadores?

É difícil responder-se afirmativamente, uma vez que a grande maioria dos professores das séries iniciais permite que a "leitura aconteça". Tais profissionais não assumem uma ou variadas metodologias como as sintetizadas por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar em seu livro *A formação do leitor*<sup>1</sup> cuja aplicação se constitui no compromisso de avaliar desde o estabelecimento dos objetivos, as etapas de desenvolvimento da mesma e o nível de envolvimento dos leitores com a(s) obra(s) selecionada(s).

A permanência da criança em sala de aula possibilita a sua participação em termos de manifestações orais que respondem aos estímulos e às intenções do professor ao realizar tal atividade e em termos de elaboração de inferências a partir da recepção do texto. Cada situação deve ser registrada pelo professor que as considerará individualmente, pois os dados referenciais utilizados no processo de recepção constituem-se em particularidades de cada leitor e não em generalidades a serem avaliadas.

Verifica-se, por conseguinte, a necessidade de os professores se prepararem mais, de desenvolverem leituras multidisciplinares com o objetivo de avaliarem os seus níveis de envolvimento com textos literários bem como o de seus alunos.

Havendo seriedade nesse processo, maiores exigências serão feitas aos professores que atuam entre 5ª e 8ª séries do 1º Grau, responsáveis por sua continuidade, por sua ampliação, por seu aprofundamento.

Verifica-se, pois, que o desenvolvimento de uma nova relação dos alunos pré-adolescentes e adolescentes com as obras literárias exigirá uma competência de leitura do professor e o conhecimento do acervo atualizado e disponível nas livrarias, produzido nos últimos anos desta década, o que, certamente, não deixa de se constituir num desafio.

Pergunta-se: conhecerá o professor uma variedade de obras literárias que se refiram a temas de interesse dessa clientela adolescente, sem que a leitura seja tratada como atividade descartável, de importância menor, ou mesmo com sabor de trabalho?

O envolvimento dos alunos e dos professores com os textos literários deverá ser contextualizado, considerando o fator contemporaneidade, revestindo-se a realidade de uma nova acepção: que matizes envolve o conceito de realidade do aluno?

O que se verifica, nessa complexidade heterogênea do universo cognitivo do professor e do aluno, é um distanciamento entre as experiências e vivências culturais de ambos. Por isso mesmo, oferecer condições de o professor e de o aluno reconstituírem o diálogo com o autor e com as personagens pode-se transformar no atendimento às expectativas de ambos, transformando o ato de ler em tarefa inovadora que precisa ser repensada pelos profissionais do ensino.

É necessário, também, nessa fase, que os textos selecionados para as atividades de leitura representem os diferentes gêneros literários, a fim de que o contato com a variedade de estilos desencadeie a valorização da experiência estética e amplie as exigências de leitura dos alunos e dos professores.

Ao encetar-se tal caminhada, novos fatores deverão ser avaliados: a variedade de obras que possam catalisar temas de interesses da clientela adolescente bem como a variedade de gêneros, a contemporaneidade dos textos representativos e a possibilidade de apreciar a linguagem explicitada por autores contemporâneos numa perspectiva estética.

Pergunta-se novamente: estará o professor de 5ª a 8ª séries apto a dar continuidade ao desenvolvimento do processo de leitura e aprimorá-lo, chegando a níveis mais profundos, num diálogo profícuo com a clientela desse nível de escolarização?

A simples realização de testes objetivos, de provas com questões que avaliam apenas o nível de compreensão, características de um projeto pedagógico falido, ou mesmo que propiciem a livre manifestação do aluno sobre suas experiências de leitura poderão ser avaliadas apenas quantitativamente?

Quanto mais se percebe a complexidade do processo de avaliação de atividades de leitura de textos literários, mais convicção

se tem da necessidade de haver uma reformulação total no processo de formação do professor de Literatura.

Ao se utilizar, entre os recursos didáticos, um Manual de Literatura, por exemplo, com estudantes de 2º Grau, deverá ter o professor o necessário e aprofundado conhecimento de Literatura Brasileira para estimular seus alunos a se envolverem mais com a dinâmica estrutural dos textos literários suas do que, propriamente, com o processo de memorização da História da Literatura. As informações contidas no Manual constituem, apenas, um roteiro do trabalho.

O aprofundamento da leitura deverá ser estimulado pelo professor a partir de uma perspectiva diacrônica ou, num ato de real coragem e de demonstração de conhecimento da área, a partir de uma perspectiva sincrônica multidisciplinar realmente inovadora.

A proposta de Graça Paulino, sintetizada na apresentação de seu livro *Literatura — participação & prazer*<sup>2</sup> é um convite aos estudantes de 2º Grau a uma nova relação com a Literatura:

*Alguém talvez já lhe tenha dito que estudar literatura é decorar nomes de autores e de obras, biografias, características. Não acredite: isso é letra morta. Este livro pretende provar que saber literatura é algo muito diferente. É estabelecer uma relação fértil com os textos, ser capaz de compará-los, entendê-los, vivenciá-los de forma profunda e pessoal. Disso a gente gosta, e assim a gente cresce, emocionado e surpreso, no território literário. Isso é saber ler.*

Quanto são os professores que estão aptos a ensinar literatura numa perspectiva produtiva, considerando o complexo de manifestação aluno-leitor?

Estamos distantes da possibilidade de imprimir ao ensino formal da Literatura princípios defendidos pela estética da recepção, explicitados por Regina Zilberman, em seu livro *Estética da recepção e história da literatura*:<sup>3</sup>

*... uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário.*

Se o relacionamento do aluno e do professor com o texto literário for envolvido por uma atmosfera emancipatória, isso imprimirá um novo significado à avaliação, provocando uma prática

inovadora no ensino de Literatura e no processo de avaliação do mesmo em todos os níveis de escolaridade — descrição do relacionamento do aluno-leitor entre o conteúdo de suas leituras e com os apelos internos e com a realidade exterior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGUIAR, Vera Teixeira de & BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
2. PAULINO, Graça. **Leitura — participação & prazer**. São Paulo, FTD, 1988.
3. ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo, Ática, 1989.